

*Por uma nova experiência do tempo moderno*

**Giselle Pereira Nicolau**  
Doutoranda em História pela  
Universidade Federal Fluminense.

## **For a new experience of modern times**

**Resenha do livro:** *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*, de Reinhart Koselleck. Trad. Wilma Patrícia Maas, Carlos Almeida Pereira. Rev. César Benjamin. Rio de Janeiro: Contraponto; Ed. PUC-Rio, 2006.

A obra *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos* é composta por 14 ensaios publicados entre os anos de 1960 e 1970 pelo historiador alemão Reinhart Koselleck (1923-2006), um dos maiores precursores da história dos conceitos (*Begriffsgeschichte*). Lançado na Alemanha em 1979, o livro apresenta a síntese dos objetivos da história dos conceitos e da teoria da história. Assinala a trajetória historiográfica, e por que não biográfica, do autor que, dedicado aos estudos da semântica histórica, pretende analisar a modernidade e suas implicações na Europa na transição do século XVIII para o XIX.

Os ensaios que compõem este livro versam sobre a temática da experiência temporal. Para isso, Koselleck, de maneira erudita, utiliza um *corpus* documental de textos da Antiguidade até os dias atuais que abordam este assunto. Testemunho de políticos, filósofos, teólogos e poetas; manuscritos de autores desconhecidos, provérbios e enciclopédias; quadros e sonhos constituíram-se em objetos de investigação para a compreensão de como a experiência do passado foi elaborada em uma determinada situação concreta e de que modo prognósticos e expectativas foram trazidos à superfície da linguagem. Neste sentido, pretendeu-se analisar a maneira como, em um determinado presente, é construída a relação de reciprocidade entre passado e futuro.

O livro é dividido em três partes que se relacionam com a proposta teórica de Reinhart Koselleck. A primeira parte, intitulada *Sobre a relação entre passado e futuro na história moderna*, a ênfase recai sobre o segundo ensaio, *Historia Magistra Vitae – Sobre a dissolução do topos na história dos tempos modernos*. Analisa-se o emprego da máxima ciceroniana: história mestra da vida e a sua utilização até o século XVIII,

quando o sentido desse *topos* foi esvaziado. Dessa forma, para o autor, o surgimento do moderno conceito de história foi a maior inovação conceitual da modernidade, ao estabelecer uma nova relação entre passado e futuro. Assim, a “velha” história [*Historie*] foi perdendo o seu lugar na academia em favor da “nova” história [*Geschichte*], que inaugurou a relação com o espaço de experiência e o modo como este passa a ser visto.

A criação da *Geschichte* inaugurou uma temporalidade própria, na qual diferentes tempos e experiências diversas tomaram o lugar do passado entendido como modelo. Koselleck considera que o frequente uso da história [*Geschichte*] como um “coletivo singular” expressa toda a humanidade em único processo temporal, correspondendo a sua transformação em objeto de teorias políticas e filosofias que imaginam apreender o passado, presente e futuro como uma totalidade dotada de sentido.

Já a segunda parte, *Sobre a teoria e o método da determinação do tempo histórico*, Reinhart Koselleck convida o leitor à reflexão dos procedimentos metodológicos da história dos conceitos. Não é à toa que o ensaio que mais se destaca nessa unidade é intitulado *História dos conceitos e história social*, no qual o autor faz a defesa da abordagem conceitual para o estudo da história. Para ele, a relação entre história dos conceitos e história social é mais complexa do que a simples redução de uma disciplina a outra. Isso se evidencia pela natureza dos objetos de ambas. Sem conceitos, não há sociedade, tampouco unidade de ação política. Segundo Koselleck, eles se fundamentam em sistemas político-sociais e, por isso, revelam certa complexidade que, portanto, estariam além de uma simples constatação da existência de uma comunidade linguística.

Ao postular a autonomia da história dos conceitos frente à história social, Koselleck afirma que, em seu procedimento, a história social não pode abrir mão das premissas teóricas de uma abordagem conceitual, sobretudo no caso de trabalhos que utilizam uma perspectiva estrutural de longa duração.

A terceira parte, denominada *Sobre a semântica histórica da experiência*, Reinhart Koselleck utiliza alguns pares antitéticos assimétricos, como: bárbaros e helenos; cristãos e pagãos; homem e não homem. Em *Espaço de experiência e horizonte de expectativa: duas categorias históricas*, o autor assinala maneiras de significação do tempo e das relações entre os homens. Entre a lembrança e a esperança ocorre a escrita da história. Por essa razão, o tempo, segundo ele, se desdobra em duas possibilidades

que delimitam a marcação explicitamente histórica: passado e futuro são construídos juntos, portanto, presentificados. O primeiro quando transformado em experiência e o segundo, em expectativa. Ambas as categorias são utilizadas para coordenar e legitimar ações no presente. Por isso, se adjetiva o tempo como “tempo histórico”. Ele é uma criação da experiência da modernidade, que propõe uma articulação entre duas temporalidades distantes: passado e futuro; lembrança e esperança; experiência e expectativa.

Por fim, os ensaios que compõem *Futuro passado* revelam o tom de pessimismo do autor frente à modernidade europeia. Experiências como a Segunda Guerra Mundial e o Holocausto puseram em xeque valores disseminados pelo Iluminismo, como por exemplo, a crença no progresso e a fé na razão. É contra essa visão de mundo iluminista que Koselleck se opõe. Atualmente, vivenciamos o desgaste dos modelos utópicos. A supervalorização do presente frente a um quadro de crise. Logo, a experiência torna-se frágil, vista com desconfiança, ao passo que a expectativa se torna inviável. Viver o presente é o que importa.